

SIMÕES LOPES NETO E O NOME DO RIO GRANDE DO SUL NO CENÁRIO NACIONAL

Nara Marley Aléssio Rubert*

RESUMO: João Simões Lopes Neto cumpre o importante papel de apresentar a literatura gaúcha ao cenário nacional. O conto regionalista apresentado principalmente na sua obra magna *Contos Gauchescos* solidifica a figura do gaúcho como personagem literária e traça um perfil de conduta deste tipo humano, através da sua literatura, que, já em 1912, consegue sair da dimensão do pitoresco e ampliar-se ao universal. A figura de Blau Nunes, criada pelo autor, cumpre a missão de contar as histórias e envolver-se em enredos que vão da tradição gaúcha até aspectos históricos do século XIX no estado do Rio Grande do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Lopes Neto – regionalismo – conto

ABSTRACT: João Simões Lopes Neto fulfilled an important role of introducing the Gaúcha Literature to the national scene. The regionalist short stories, depicted mainly in his Magnum opus *Contos Gauchescos*, strengthen the Gaucho image as a literary character and show a behavioral profile of this human type, through his literature which, even in 1912, manage to emerge from the picturesque dimension and is transcended to a universal one. The character of Blau Nunes, created by the author, fulfills the mission of telling the stories and being involved in plots which come from Gaucha tradition to historical facts from XIX century in the State of Rio Grande do Sul.

KEY-WORDS: Lopes Neto – regionalism – short story

João Simões Lopes Neto não pode ser chamado “um homem do campo”. A partir dos 11 anos, órfão de mãe, criou-se em Pelotas, cidade que crescia economicamente graças às charqueadas. Afora os poucos anos em que estudou na capital da província, teve sua história ligada à cidade de Pelotas, mas nunca como neto de um latifundiário. Estudou, mas não se formou; foi jornalista, abriu e fechou vários negócios; escreveu comédias, fez conferências, mas, apesar de admirado no âmbito municipal, seu reconhecimento em vida não passou disso. Foi um talento municipal. Somente muito tempo depois de seu desaparecimento despertou o interesse da crítica pela sua obra.

A família Simões Lopes iniciara com seu avô visconde da Graça e encerra-se com o escritor, que, sendo o último herdeiro varão, não teve filhos. O latifúndio dissipou-se em vinte e dois filhos do avô e mais quatro filhos do pai do escritor, também único filho homem do visconde Simões Lopes. Lopes Neto nunca se interessou pelos negócios com gado e, apesar de seu avô ser um dos grandes charqueadores de Pelotas – chegou a abater quinhentas mil reses em uma safra –, sempre foi um homem das letras. Gostava da palavra: escrita, falada, publicada, representada. Seus amigos diziam que, apesar de João Simões ter estado poucos anos matriculado em instituições de estudo, era

*Universidade de Passo Fundo (UPF), doutora em Literatura Brasileira, naramarley@upf.br

um “grande conhecedor das coisas.” (REVERBEL, 1981, p. 38). É um legítimo autodidata e produziu uma obra tão grandiosa que seu tempo não pôde compreender. No dizer de Flávio Loureiro, “sua pequena/grande obra escapou ao presente do autor. Era um legado para o futuro.” (1994).

Não conheceu a glória em vida e, ao falecer, em 1916, tinha publicado apenas três obras e somente a primeira delas com mais de uma edição: o Cancioneiro Guasca (1910), Contos Gauchescos (1912) e Lendas do sul (1913). “Não se sabe de nenhum escritor digno deste nome que tenha morrido com menos pompa literária.” (VELLINHO, 1969, p. 90). Nelson Werneck Sodré acredita que o motivo primeiro do desconhecimento de sua obra é a linha mais popular de literatura que seguia, já que Alcides Maya, nesta mesma época, publica com aclamação o seu livro de contos Tapera, com cenários e tipos da mesma roupagem, mas uma linguagem formal. (1995, p. 409).

De acordo com Carlos Reverbel, a estreia propriamente literária de João Simões é com Contos Gauchescos, já que o Cancioneiro Guasca é, na verdade, um resgate de poesias populares recolhidas da memória do povo, um importante trabalho de registro de ditos e cantigas utilizando a linguagem popular. Apesar de ser o organizador, não o autor, esta obra “insere com clareza a personalidade intelectual de Simões Lopes Neto na raiz popular que viria a ser a fonte vital para a redação dos Contos Gauchescos” (CHAVES, 1981).

Os Contos Gauchescos tem sua origem no Cancioneiro Guasca, são típicos gaúchos populares, originários das histórias do povo da campanha, das tropeadas, das batalhas. “Cancioneiro guasca deixa de ser apenas uma valiosa contribuição para a história cultural; passou a ser, também, a matriz do protótipo que Simões Lopes irá privilegiar em sua ficção e constitui sua legitimidade, isto é, o fundamento de sua origem popular e coletiva. (CHAVES, 1982).

Queria, no dizer de Moysés Vellinho, realizar-se no âmbito da inteligência e, para tanto, teve uma intensa atividade intelectual: cultivou o teatro, ficção, folclore, palestras literárias, jornalismo e até um pouco de investigação científica, mas tudo com muita timidez.

A cronologia não mente uma trajetória de quase meio século entre o anonimato e o reconhecimento de grande regionalista. Depois da primeira tiragem de Contos gauchescos em 1912, a obra somente iria ganhar uma nova edição em 1926, juntamente com as Lendas, quando alcançou, pela primeira vez, vários pontos do país. Uma edição crítica de Aurélio Buarque de Hollanda, que aparece em 1948, despertaria a “sensibilidade nacional” (VELLINHO, 2001, p. 92). Outros críticos, como João Pinto da Silva, Augusto Meyer e Lúcia Miguel-Pereira, fixam o seu nome na história geral da nossa literatura. A inclusão do nome de João Simões em antologias como “O conto brasileiro”, de Herman Lima, e “Nossos Clássicos”, de Alceu Amoroso Lima e Roberto Alvim Corrêa, foi decisiva para que o pobre e esquecido escritor municipal de Pelotas pudesse ser classificado, já na metade do século passado, como um dos “mestres do conto

brasileiro.” (id, p. 93). “A importância literária de Simões Lopes desbordou das limitações do regionalismo. Sua classificação hoje entre os mestres do conto brasileiro é matéria pacífica.” (VELLINHO, 1969, p. 92-93).

Segundo Moysés Vellinho, João Simões vai antecipar a colaboração gaúcha para a revolução das letras brasileiras de 1922, quando se manifestou o desejo de integrar a literatura brasileira com a sua origem e as demais culturas através de uma nacionalidade com roupagem diferente daquela pregada pelos românticos. Simões já estava à frente de seu tempo quando passava à literatura uma expressão legítima de uma região muito particular. Diferentemente do Romantismo, isso acontece sem idealização e, por isso mesmo, sem falsificação. A simplicidade das personagens simonianas, bem como a do narrador, que se envolve de tal forma na narrativa que o leitor imagina que ele esteve mesmo lá, separa com nitidez o regionalismo do princípio do Romantismo e este de Contos Gauchescos. É uma literatura tão diferente que se duvida de que ambas pertençam ao mesmo grupo.

Todas as análises confirmam o pertencimento da obra Contos Gauchescos ao regionalismo, Fávio Loureiro Chaves reconhece na obra “característica documentária que vai da linguagem dialetal aí incorporada até a fixação de um código ético específico, passando pelo registro histórico e a fotografia duma tipologia social. Tudo isto concorre para a definição do texto dentro do regionalismo” (CHAVES, 1994).

Guilhermino Cesar, ao comentar o tom dado as personagens simonianas, estabelece uma relação com o tempo da narrativa e conclui que, por utilizar a memória, o autor retirou suas personagens da era “continentina” como aparece em Negrinho do Pastoreio: “naquele tempo os campos eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas”. O mesmo tom evocativo “persegue e vitaliza toda a sua obra de prosador” (1955, p. 329). Continua dizendo que os termos utilizados pelas suas personagens-peões são esquecidos, são do tempo em que as fronteiras gaúchas estavam nas mãos ora de portugueses, ora dos castelhanos, “passado, coisa morta, mas com graça força e poesia” (1955, p. 329).

Se as referências históricas e alguns dos hábitos típicos pertencem ao passado, as técnicas narrativas, a presença do narrador-personagem, a poesia da linguagem e a força das sensações, das emoções e da vida destas personagens pertencem a um futuro bem distante da sua publicação, ou, ainda, a qualquer tempo, numa dimensão tão gaúcha quanto universal. Prova é que João Guimarães Rosa, com seu único romance, Grande Sertão: Veredas (1956), 44 anos depois da publicação de Contos Gauchescos, produziu uma forte narrativa de um jagunço mineiro, na mesma linha que as narrativas de Blau Nunes. Apesar de ambos estarem ambientados em seus estados típicos, de se vestirem, falarem e cultivarem hábitos típicos de sua região e seu tempo, suas narrativas ampliam a leitura para questionamentos da existência humana que qualquer alma mais aberta afeita à leitura poderia compartilhar.

Por outro lado, mesmo reconhecendo que os contos de João Simões Lopes Neto se prendem a outros tempos, seus escritos demonstram que “o escritor nunca se deixa dominar pelo sentimento de depressão nostálgica” (VELLINHO, 2001, p. 93). Lopes Neto renova, rejuvenesce a tradição, até mesmo utilizando uma ou outra expressão que

se poderia chamar de “modismos”, como os castelhanismos. Moysés Vellinho vê no estilo do autor uma harmonia entre imagem e sentimento, que, ao invés de fragilidade, dá força ao texto, porque ele unifica o “meio físico, a gente, os bichos, as coisas, com os mitos populares, com o fundo histórico e as peculiaridades tradicionais da província” (ibid). Na visão de Vellinho, há uma espontaneidade que afasta Simões do regionalismo acadêmico. Sua autenticidade é “genial”, já que não teve modelos, nem influências diretas, “se nutria de seus próprios dons” (id, p. 94).

Por ser um homem das letras e ter se dedicado a várias atividades ligadas à escrita, demonstra em seus textos o gosto e a tendência para produzir obras relacionadas a este universo: “um sujeito de espírito jornalístico e verve literária” (FISCHER, 1998, p. 14). Impressiona o quanto Lopes Neto consegue manter o caráter documental e cronístico de seus contos, sem abandonar qualidade ficcional, que é indiscutível.

Assumindo que o personagem Blau Nunes tem a idade que o texto lhe atribui, ele deve ter nascido por volta de 1820 e vivido até os primeiros dez anos do século 20. Isso o posiciona num percurso histórico de particular relevância a respeito do sul do país: teria ele, assim, visto ao vivo os primeiros anos da Independência, a Guerra da Cisplatina (1825-28), a Guerra dos Farrapos (1835-45), as turbulências das guerras contra Rosas e Oribe (1851-2), a Guerra do Paraguai (1865-70) e ainda os vários movimentos políticos e militares da instauração da República (1889), os quais, no Rio Grande do Sul, levaram a uma guerra civil conhecida como Revolução de 93 (1893-5) (FISCHER, 1998, p. 17).

O NARRADOR

De acordo com Luís Augusto Fischer, Simões Lopes Neto “realizou uma pequena revolução no arranjo de sua narrativa” (1998, p. 8). O crítico está se referindo à autonomia dada ao narrador dos Contos Gauchescos, Blau Nunes, o que torna a obra quase uma contação de história. Foi dada voz a um campeiro, antes só objeto de literatura, “ao contrário de todos os que já haviam tentado o milagre, o autor dos Contos Gauchescos descobriu que não bastava falar sobre o gaúcho: era preciso que ele próprio tivesse voz” (id, p. 14).

Chaves diz que os mandamentos da vida de gaúchos como Blau Nunes seguem uma “ideologia francamente regionalista, a inscrição de um código ético particularizado e inconfundível” (1994). Essas regras do viver gaúcho, seguidas pela maioria das personagens simonianas, manifestam-se nas lidas campeiras, nas apostas, nas batalhas e em qualquer missão que pretendam cumprir. São exemplos desta ideologia o jeito brincalhão, mas honesto, dos tropeiros que encontram a guaiaca de Blau recheada com “Trezentas onças”; as apostas de honra confiando na destreza do cavalo preferido do conto “Negro Bonifácio”; o temperamento do gaúcho, que não se curva diante de uma proibição e cuja palavra dada é honrada até a morte, como se dá em “Contrabandista”, em que Jango Jorge promete trazer o vestido de noiva da filha.

E é essa criação muito especial de uma personagem que ora é protagonista, ora secundária, ora narrador e, às vezes, só um contador de casos que traz uma das maiores marcas da genialidade deste escritor pré-modernista, o qual cumpriu muito bem a função crítico-regional desta fase, mas avançou, antecipando a participação do sul no Modernismo e até na Contemporaneidade.

Desde o momento em que João Simões entrega a palavra a Blau - “Patrício, escuta-o!” - está criando a presença de um narrador-personagem único na literatura, que não podia ser compreendido numa Pelotas do longínquo Rio Grande do Sul de 1912. Sem imposição nem moralismos, sem idealizações nem heroísmos, o autor consegue, página a página, ir delineando indelevelmente o perfil de um povo que estava começando a aparecer timidamente nas páginas da literatura brasileira. É Aldyr Garcia Schlee quem nos ajuda a encontrar as palavras para descrever com mais precisão a vida e as características de quem encontramos nestas páginas: “não podemos ter a ilusão de conhecer propriamente a sua vida; porque é Blau Nunes mesmo que passamos a conhecer – como tipo gaúcho e personagem de ficção” (2000, p. 8).

Quando ele é personagem central, leva o leitor a pensar em valores tão plenos que ultrapassam a dimensão regional, como o tropeiro de “Trezentas onças”, que num ímpeto de dignidade pensa em tirar a própria vida para preservar a honra, mas é acudido pela natureza que se impõe a esse instinto. Quando ele é secundário, problematiza as situações e faz o leitor questionar-se sobre qual será o maior valor na vida de Jango Jorge, personagem de “Contrabandista”: as regras do transporte ilegal de mercadorias através da fronteira, ou a palavra dada à filha de lhe trazer o vestido para o dia mais importante de sua vida? Quando é narrador, como em “Penar de velhos”, Blau “dialoga com o leitor feito gente” (SCHLEE, 2000, p. 10) e compartilha seus sentimentos com ele, fazendo-o repreender o menino Binga em suas peraltices e, depois, chorar junto com os velhos o sumiço do filho.

Blau é uma dessas poucas personagens gaúchas que permaneceram na memória dos leitores há quase cem anos, ou, como diz Schlee, “é o primeiro gaúcho de verdade na literatura brasileira” (id, p. 11). Contudo, Blau não é a única personagem insistente a passear pelas páginas dos Contos gauchescos, Fischer nos chama a atenção que, ao lado do narrador, existe um interlocutor que apresenta Blau na abertura do livro. Ele volta em vários contos e parece ser alguém mais velho que o narrador e que não vive no pampa. É referido como “patrãozinho”, é letrado, pois Blau dita-lhe suas máximas – que ele anota a lápis – e acompanha o narrador em suas andanças, interessado pelo universo campeiro gaúcho.

A técnica é a mesma utilizada por João Guimarães Rosa no seu célebre Grande sertão: veredas. Ambas as obras apresentam um narrador simples e interiorano, visivelmente originário do seu estado, que conta suas histórias para alguém mais letrado e que desconhece muito do viver interiorano. E para todos aqueles críticos resistentes em reconhecer o valor do regionalismo, especialmente o gaúcho, aqui fica a apresentação das datas de uma e outra publicação: Contos gauchescos foi publicado em 1912 e Grande Sertão, em 1956. Se um autor leu outro, foi o mineiro que teve a obra gaúcha como inspiração.

O narrador Blau, por ser um velho peão, apesar de sua origem pouco letrada e humilde, é experimentado e sábio e nos apresenta narrativas que fazem uma análise contrastando o passado e o presente. Na maioria dos contos, o narrador lembra que o fato aconteceu “há tempos”, costurando tempos remotos com o presente da narrativa. Um exemplo aparece no conto “Contrabandista”, quando Blau revela ao seu interlocutor que conheceu o eneagenário Jango Jorge “desde moço até a hora da morte” (LOPES NETO, 2000, p. 128). Ao lado da vida e da morte do protagonista, o contrabando associado ao Rio Grande é historiografado em três das sete páginas do conto, desde antes da tomada das Missões. Quando o deslocamento no tempo não se dá pela história do Rio Grande, é pela história de alguma família gaúcha, como acontece na insinuação da origem de Tudinha, principal personagem feminina de “O negro Bonifácio”. Aqui Blau apresenta o Capitão Pereirinha e suas posses nos Guarás, ao lado da descrição do rancho onde a morena morava com Sia Fermina, que “tinha de um tudo” (id, p. 32).

Talvez a realidade narrada por João Simões não permaneça na memória deste tempo. Uma grande mudança ocorre principalmente a partir de 1945, quando veio, “no lugar da estância, o comércio urbano, a fábrica e a colônia imigrante.” [...] “no lugar do gaúcho livre, soberano, monarca das coxilhas e centauro dos pampas, que vivia de seu trabalho e, embora pobre, transitava altaneiro naquele meio, o empregado, o operário, o proletário” (FISCHER, 1998, p. 24). Este gaúcho distante do meio rural, empurrado para a cidade, destino da maioria que vivia no campo, não é nosso alvo de estudo, pois nos interessa entender e investigar onde foram parar os “Blaus”. Faraco consegue ilustrar um pouco sobre o gaúcho que insiste em ficar no campo pobre e abandonado, de um espaço bem especial do Rio Grande, a fronteira; porém, lá não encontramos mais Blau Nunes, nem sua descendência. Aliás, pensamos que, a exemplo de seu criador, ele foi o último exemplar de sua raça, decerto por não ter tido nenhum filho varão.

ANÁLISE DO CONTO “TREZENTAS ONÇAS”

É o primeiro dos 19 contos da obra, onde Blau literalmente se apresenta por meio de uma situação de vida, confirmando as características que o leitor tinha lido na “Apresentação”, quando João Simões Lopes Neto se refere a um vaqueano: benquisto, desempenado, vista aguda e ouvido fino, rijo, um guasca sadio, leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável, com grande memória, um “perene tarumã verdejante” (2000, p. 20).

Neste conto, o vaqueano Blau Nunes tem por missão transportar respeitável soma em onças de ouro; perde a preciosa carga e, antevendo a suspeita de roubo que poderia cair sobre ele, considera a hipótese do suicídio. Os apelos de vida vêm de vários elementos da natureza que lutam contra a sua morte. O brilho da estrela, o relincho do cavalo, o rosar do cusco, até o cricrilar dos insetos arrastam Blau, de cabeça erguida, para a fazenda, sem as onças, mas com a sua verdade e honestidade no peito.

Moysés Vellinho apresenta o Blau de “Trezentas onças” como uma das mais comovedoras personagens da obra, um “campeiro de alma forte e coração sereno” (2001, p.

96), que passa por um momento de desespero e, já com a pistola junto ao ouvido, opera-se o que Vellinho chama de “milagre”. Eis o instante decisivo:

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi as Três-Marias luzindo na água o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia perto dali, num ôco de pau! Patrício! não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...
O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança...
Eh-pucha! patrício, eu sou mui rude a gente vê caras, não vê corações ; pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados!...
E já no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar (LOPES NETO, 2000, p. 27).

De pistola engatilhada, olha ao redor, como que para se despedir de tudo, e o que acontece é o que Vellinho chama de “milagre”. “Deus falou ao campeiro pela voz humilde e poderosa das coisas e de suas criaturas, reacendeu o lume na escuridão repentina de seu espírito, restituiu-lhe o que ele tinha perdido: - o seu sossego de homem, que é como quem diz a ingênua alegria de continuar vivendo” (1960, p. 96).

Diferentemente do que é possível supor numa primeira leitura, “Trezentas onças” é um conto sobre a vida, não sobre a morte. Nele prevalecem os valores da vida, as suas manifestações, o apego a ela e às diversas manifestações, por meio da natureza, do retorno da esperança, da volta pra casa, da “risada grande de gente boa”. A vida que não é a do campeiro, nem especialmente a do gaúcho tropeiro, é a do homem honesto, que tem com quem contar.

Tal acontece porque os traços do cenário, lugares, paisagens e animais, assumem - sob a ótica de Blau Nunes – a conotação simbólica que ultrapassa a superfície aparente. Por detrás da natureza existe o mito da natureza; além do tipo humano (o gaúcho) prevalece o indivíduo em sua humanidade (CHAVES, 1994).

Mais do que representação de um mundo, os elementos que aparecem na narrativa simoniana são uma “visão de mundo” (CHAVES, 1994). E nesse mundo a vida supera a morte; a honestidade e integridade são soberanas e a desordem não toma conta, fazendo o equilíbrio voltar a imperar depois do “tirão seco no coração” (LOPES NETO, 2000, p. 24). O mundo em que vive Blau é dividido entre pobres e ricos sim, porque é

um mundo de verdade, sem idealizações, mas não é esse o conflito que se instaura na trama. Provavelmente, se estivéssemos cavalgando com aquele que “tem” as posses, o problema que o atordoaria seria outro; porém, como nosso companheiro de viagem é um que “não tem”, ele teme que o considerem ladrão, e é desse lado que a maioria das personagens de João Simões Lopes Neto está: do lado dos que “não têm”.

Blau é conhecido de todos, recebe amparo de quem encontra na estância quando dá pela falta da guaiaca, “não se acoquine, homem!” (id, p. 25); acolhe a saudação da comitiva de tropeiros, “nos tocamos todos na aba do sombreiro” (ibid); por fim, a comitiva que havia chegado à estância antes dele e encontrara a guaiaca perdida pelo caminho: “Entonces, que tal le foi de susto? ...E houve uma risada grande, de gente boa” (p. 29), sem falar do guaieca, do zaino, do vento, da estrela d’alva e até dos grilos que se manifestaram no momento em que a “má tenção entrou nos miolos”.

Blau reconhece e manifesta a boa estirpe de todos que passam pelo conto. O patrão é um “charqueador, sujeito de contas mui limpas”; os tropeiros que encontraram as onças não devem ter metido a mão no dinheiro, porque a guaiaca estava “barriguda, por certo com as trezentas onças dentro” (p. 29). Assim, nesse meio se criou o próprio protagonista, sujeito leal, cujo pensamento de pai de família foi superior ao do gasca honesto, que chegou a pensar em suicídio.

O processo da narrativa também é curioso, como já dissemos. Neste primeiro conto Blau Nunes se apresenta para confirmar as características que o autor tinha deixado dele na apresentação, porém o autor não se ausenta por completo. Percebemos com nitidez que o princípio da narrativa da tropeada nos é feita por Blau para um interlocutor que parece conhecê-lo bem, “eu era mui pobre – e ainda hoje, é como vancê sabe...” (p. 24), mas volta ao autor a partir do seguinte parágrafo:

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, mancado de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol muito baixo, vermelho-dourado, entrado em massa de nuvens de beiradas luminosas (p. 25-26).

Até mesmo o “mui” do tropeiro Blau passa para o “muito” do intelectual João Simões Lopes Neto, e, talvez, se possa dizer que o leitor deixa, por três páginas e meia, de ouvir o caso e passa a ler o conto. São momentos raros da obra, que na sua maioria têm a soltura da narrativa da oralidade.

A linguagem é plena de coloquialismos e espanholismos, com muitas interjeições, transmitindo ao leitor desavisado que está entrando em contato com a vida do gaúcho, sem rotinas, exposta sempre a fortes emoções. Até chorar acontece com Blau, não por medo, “que medo, não, que não entra em peito de gaúcho” (id, p. 27). A religiosidade manifesta-se em vários momentos e mostra que este, talvez, seja o único temor de um gaúcho, o temor de Deus: “Deus me perdoe”, quando refere que o latido do cão

parecia fala; “Deus o conserve”, para o interlocutor que é moço e passa a vida rindo; “Deus existe”, quando a natureza, por meio das Três-Marias, dá sinal de vida; finalmente, a saudação na chegada à casa de “Louvado seja Jesu-Cristo”, antes do “boa noite” salvador.

Finalmente, podemos dizer que todos os elementos indispensáveis à cor-local estão explicitados de maneira muito simples neste conto: um tropeiro, pai de família, viaja com seu cusco companheiro, cavalgando um zaino. Ele está ornamentado por uma guaiaca que carrega “onças” para pagamento de gado, que ia levantar para um patrão charqueador. Os que o rodeiam são tropeiros, estancieiros e charqueadores; todos usam um linguajar típico e simples, com traços de castelhanismos, regados ao amargo que recebe calorosamente dos andantes.

Com um dos protagonistas mais conhecidos da literatura gaúcha, este conto é, por tudo isso, um dos fortes representantes do regionalismo gaúcho.

O “GAÚCHO” DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Em João Simões Lopes Neto a dignidade do gaúcho, humilde, mas leal e correto, permanece. O protagonista e narrador do conto que abre a obra *Contos gauchescos*, “Trezentas onças”, apresenta um painel em que a lealdade figura entre todas as classes. Blau Nunes, peão despilchado e honesto, é tão correto que pensa em se matar a ser tido por ladrão. O seu patrão é um fazendeiro “sujeito de contas mui limpas”. Os tropeiros que encontram pelo caminho as trezentas onças pertencentes a Blau têm conduta rusticamente correta e devolvem a dinheirama ao portador, estes também “gente boa”. Nenhuma das partes envolvidas nessa trama tem caráter diferente daquele visto até então nos contos das primeiras décadas do século XX.

São sujeitos honestos que sabem se reconhecer perdedores, mas não sem se enfeitar nem perder o orgulho, como Bonifácio. No conto “Negro Bonifácio”, quando o concorrente de Nadico perde a carreira e é desprezado, ao vir pagar a aposta, manifesta um traço característico do espírito gaúcho: a arrogância e a valentia. Decide a desfeita armando uma briga muito violenta, “num pensamento o negro boleou a perna, descascou o facão e se veio!... Que peleia mais linda!” (LOPES NETO, 1998, p. 24). A briga não muda o resultado da aposta, mas o perdedor não sai da situação humilhado pela desfeita.

Diante de tantas características que proliferam e se atualizam na nossa literatura dominada por homens, uma não se altera: exatamente aquela que estabelece um juízo machista a respeito da atitude manhosa das mulheres: seus ardis e feitiços. Mulheres como Tudinha, com manha e beleza, provocam atitudes destemperadas nos homens, além dos gestos inexplicáveis que elas mesmas, vez por outra, praticam: “estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...” (id, p. 27)

O peso da experiência e a autoconfiança transparecem em personagens como Jango Jorge, de “Contrabandista”. Ao apresentá-lo, o autor mostra-nos que este gaúcho,

com a experiência de nove décadas de existência, “conhecia as querências, pelo faro (...), pelo ouvido (...) e até pelo gosto (...)” (id, p. 91). Tanto que entendeu ser capaz de, às vésperas do casamento da filha, trazer o vestido e o véu do lado de lá da fronteira, o último presente que o pai – gaúcho ousado e destemido - lhe traria.

Ambiciosos sempre houve. Aqui no sul, como em qualquer parte do mundo, existem os que se forram e não se bastam nunca, assim como aqueles que se amparam mais no brio do que no acúmulo. Exemplo destes últimos é o mesmo Jango Jorge, que com tantos anos de atividades ligadas ao contrabando poderia ter feito a fortuna, gozando de conforto e descanso, mas ainda era um “gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas” (LOPES NETO, 1998, p. 91). Como Jango Jorge sempre fora “maioral nestes estropícios” (p. 95), exatamente pelo orgulho de que tratamos há pouco, foi abatido pela guarda, pois se negou a entregar o pacote com o vestido da filha:

A guarda nos deu em cima...tomou os cargueiros...E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto...e ainda amarrou no corpo... Ai foi que o crivaram de balas...parado...Os ordinários!...Tivemos que brigar, pra tomar o corpo! (LOPES NETO, 1998, p. 96).

Por outro lado, não podemos desconsiderar uma das frases utilizadas por Lopes Neto quando passa a explicar sobre a atividade do contrabando no Rio Grande do Sul (nesse conto “Contrabandista”), dizendo que a mesma ambição de que falamos, e está espalhada no tempo e no espaço, tomara conta da atividade: “entrou nos homens a sedução de ganhar barato: bastava ser campeiro e destorcido” (id, p. 94). Já nas primeiras décadas do século XX há duas forças em oposição, a do “ser” e a do “ter”; logo, não são privilégios da modernidade.

No conto “Penar de velhos” (Lopes Neto) transparecem, por intermédio do velho pai (ele não tem nome) de Binga Cruz (o menino protagonista), duas características, uma inegavelmente regional, o apego desmedido ao cavalo, e outra fortemente universal, o amor soberano pelo filho. Quando o guri apronta uma “criançada” (p. 109) que leva o bagual do pai à morte, a reação do fazendeiro é castigá-lo com uma surra, “ali o velho andou mal... ali no mais, a vista da peonada, quis sovar o filho... e quando o guri viu o rabo-de-tatu no ar... quebrou o corpo, disparou...” (id, p. 109). No entanto, quando não sabem mais do paradeiro do menino, o esmorecimento foi afetando pai e mãe, até levá-los à morte: “o velho foi descuidando das lavouras (...) pitava muito (...) a peonada já nem podia arranhar nas violas...” (id, p. 109). O que percebemos é que, no momento de raiva, o ímpeto foi o de castigar pesado, e nessa hora é a raça gaúcha que pesa; porém, naquela outra hora de dor mais profunda por não saber o paradeiro do filho foi o desencanto pela vida que se apoderou dos sentimentos desse velho fazendeiro. É a alma de um pai entristecido que imperiosamente domina a do gaúcho, e assim seria em qualquer ser humano, em qualquer tempo. Não há comparativo possível entre a perda de

um cavalo e a perda de um filho, nem mesmo para o gaúcho mais regionalmente típico. O universalismo ultrapassa de maneira soberana o regionalismo.

Não é apenas por meio do velho fazendeiro que ressaltamos características importantes; também podemos dizer que com a fuga de Binga reconhecemos outro sentimento típico, o da vergonha, característica que, sabemos, é universal, mas muito especial e fortemente calcada no espírito gaúcho em várias páginas que ilustram as primeiras obras do regionalismo gaúcho, nos contos de Tapera, de Alcides Maya, 1911, e Contos Gauchescos, de Lopes Neto, 1912. Desde a mais tenra idade o gaúcho já cresce dominado por esse sentimento de orgulho, que só vai desaparecer depois do processo de marginalização que se opera, na literatura gaúcha, nas décadas de 1980.

A comparação do homem com o animal é uma prática da literatura que foi sendo adotada com intenções diferentes, desde o Romantismo até chegarmos ao Modernismo, quando gênios da literatura brasileira estabeleceram essa relação para demonstrar a miséria (da essência e da existência) da vida humana: José de Alencar comparou a beleza e pureza da mulher com a natureza em Iracema; Aluísio de Azevedo utilizou-se da zoomorfização em O cortiço; Graciliano Ramos abordou a sensação humilhante de Fabiano, equiparando-se a “um bicho” em Vidas secas; Manuel Bandeira aproximou os dois seres no poema “O bicho”.

Especificamente no nosso contexto do Pré-Modernismo, João Simões Lopes Neto antecipou essa denúncia utilizando o conto “Batendo orelha”, que, mais do que o tema, também apresenta forma inovadora para comparar a evolução da vida de um cavalo e a de um gaúcho. Nada heroica é essa existência, tanto para um, quanto para outro, predestinados a percorrer certos caminhos, verdadeiros ritos de passagem; homem e cavalo originários de bom berço finam-se na indigência. Ambos são conduzidos à regra e ao rigor, levam os anos sem brilhantismo, deixam-se seduzir pelo vício e fracassam. O fatalismo é o que se depreende dessa leitura, uma predestinação de que nem mesmo a raça gaúcha está isenta.

O estudo de João Simões Lopes Neto está ligado ao início do nome do Rio Grande do Sul no cenário das letras nacionais. É uma oportunidade de “se conhecer por inteiro – e ouvir – um velho gaúcho, rememorando casos inesquecíveis no seu linguajar próprio” (SCHLEE, 2000, p. 7).

REFERÊNCIAS:

CESAR, Guilhermino. História da literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1955.
CHAVES, Flávio Loureiro. Matéria e invenção: ensaios de literatura. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1994. Disponível em: <http://www.paginadogaicho.com.br/escr/lopesneto.htm>. Acesso em: 12 dez. 2005.
_____. Simões Lopes Neto: regionalismo e literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

FISCHER, Luis Augusto. “Uma edição nova e inovadora”. In: LOPES NETO, Simões. Contos Gauchescos. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1998.
LOPES NETO, Simões. Contos Gauchescos. São Paulo: Ática, 1998.
_____. Contos Gauchescos. Porto Alegre: Novo Século, 2000.
REVERBEL, Carlos. Um capitão da guarda nacional: vida e obra de João Simões Lopes Neto. Caxias do Sul: Martins Livreiro - UCS, 1981.
SCHLEE, Aldyr Garcia. “Introdução: Contos Gauchescos”. In: LOPES NETO, Simões. Contos Gauchescos. Porto Alegre: Novo Século, 2000, p. 7-14.
SODRÉ, Nelson Werneck. História da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
VELLINHO, Moysés. “A carreira Póstuma de Simões Lopes Neto”. In: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (Org.). Ensaio literários: Moyses Vellinho. Porto Alegre: IEL; Corag, 2001.
_____. A formação histórica do gaúcho. In: KREMER, Alda Cardozo (e outros) Rio Grande do Sul: Terra e Povo. Porto Alegre: Globo. 1969. p. 51-63.